

► **Interpretações do eu: uma análise comparativa de A céu aberto, de João Gilberto Noll , e A cidade ausente, de Ricardo Piglia.**

Profa. Dra. Shirley de Souza Gomes Carreira

Doutora em Literatura Comparada-UFRJ

Professora de Literatura Comparada UNIGRANRIO

Coordenadora do Curso de Letras UNIGRANRIO

1- Situando o sujeito pós-moderno

Há praticamente doze anos, Stuart Hall escreveu um artigo intitulado “Cultural Identity and Diaspora”, no qual afirmava que “se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte, é apenas porque construímos uma cômoda história sobre nós mesmos ou uma confortadora narrativa do eu”.

Essa reflexão surgiu a propósito de uma tentativa de compreender o caráter complexo da formação da identidade, principalmente no contexto que se convencionou chamar de “pós-modernidade”.

Em uma obra posterior, “The question of cultural identity”, Hall distingue três concepções de identidade: o sujeito do iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. A primeira é, sem dúvida, uma concepção individualista do sujeito e da sua identidade. A segunda, parte do princípio de que, como um ser social, o homem precisa interagir com o meio. A última, que vem a ser o foco de nosso interesse, concebe a identidade como uma “celebração móvel”, formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.

A questão da identidade envolve mais que uma tentativa de definição do sujeito, uma vez que interage com o conceito de identidade nacional. Ernest Gellner (1983,6) afirma que sem o sentimento de identificação nacional o sujeito moderno experimentaria um profundo sentimento de perda subjetiva.

Para Hall, assim como a identidade subjetiva, a identidade nacional se forma e se transforma no âmbito da representação, uma vez que a nação não é apenas uma identidade política, mas um sistema de representação cultural.

Nas últimas décadas do século XX, a concepção da identidade foi profundamente afetada pelo que se pode considerar uma das transformações essenciais no campo cultural, a experiência do descentramento. O descentramento do sujeito, provocado pela fragmentação social, o descentramento geográfico, facilitado pelo desenvolvimento tecnológico e o descentramento cultural, favorecido pelas tendências multiculturalistas que se intensificaram a partir da década de 80.

Descentrar implica dissolver fronteiras, promover a interpenetração dos discursos, desarticular as estruturas binárias mutuamente excludentes que constituíam os pilares da hegemonia cultural.

Assim, a identidade subjetiva, que estava atrelada à identidade nacional, passa a desarticular-se ante a desterritorialização do sujeito, propiciando o surgimento de identidades cambiantes e provisórias.

Este trabalho constitui uma tentativa de analisar tendências relativas à representação do sujeito e o modo de construção das identidades na literatura latino-americana contemporânea, tomando por base duas obras representativas: A cidade ausente, de Ricardo Piglia, e A céu aberto, de João Gilberto Noll, a fim de demonstrar como a representação de identidades múltiplas e cambiantes vem a expressar as

inquietações do sujeito pós-moderno em relação ao próprio eu e à identidade nacional.

## 2- Relações entre a identidade e a cidade

As propostas de globalização, de desterritorialização do sujeito e de desconstrução do conceito de nação fizeram emergir duas posturas distintas: por um lado, a proliferação de novas posições-de-identidade, sublinhadas por valores cosmopolitas ou internacionais, e, por outro, um revival do nacionalismo, que visa à manutenção das comunidades imaginadas, ou nações.

A tensão gerada por essas duas forças tem encontrado expressão na literatura latino-americana contemporânea, muito embora as localizações do sujeito estejam cada vez mais vinculadas à figuração da metrópole.

Pensar a representação da identidade latino-americana implica rever a configuração das posições de sujeito em sua relação com a cidade.

A modernidade latino-americana foi marcada por uma postura vanguardista que inscrevia a cidade e o espírito urbano no conjunto de suas obras, concretizando um sentimento nacionalista que visava ao reconhecimento da superioridade da diferença latino-americana.

A cidade, assim concebida, adotava características de emblema da própria identidade nacional. Tomemos, por exemplo, a Buenos Aires de Borges ou a Paulicéia Desvairada de Mário de Andrade.

Ao celebrar e revelar a diferença, produzia -se uma interpretação ufanista dessa diferença, revelando, igualmente, um desejo subliminar de que o periférico se tornasse centro, de que a margem se tornasse cânone.

Com a diluição dos limites identitários, discursivos e espaciais, os conceitos de hibridização e de tradução passaram a ser essenciais para a compreensão dos processos de formação das identidades contemporâneas.

Os dois romances que constituem o foco deste estudo revelam construções de identidade e figurações da cidade que nos permitem traçar possibilidades de representação na literatura latino-americana pós-moderna.

Se no modernismo a cidade e a nação integravam os lugares da memória onde eram circunscritos e especificados, o mundo contemporâneo, por sua vez, dilui fronteiras em movimentos de interdependência transnacional, bem como, paradoxalmente, permite o desabrochar dos processo de afirmação de identidades locais frente ao conceito de nação e da identidade nacional em crise.

### 2.1 As visões citadinas

Tomando por empréstimo a Antonio Cândido (1993) duas categorias de configuração da cidade que ele denomina “visões urbanas puras” e “visões urbanas impuras”, podemos detectar diferentes figurações da cidade e suas conseqüentes formações de identidade.

Na perspectiva de Antonio Cândido, a “visão urbana pura” configura a cidade como ela se apresenta no momento de contemplação. A ausência de nostalgia indica a falta de senso histórico, forçando o surgimento de novas identidades, desatreladas da tradição. Por outro lado, a “visão urbana impura” mescla a experiência presente da vida urbana com o passado, a memória e a história, isto é, com a tradição.

A experiência cosmopolita pós-moderna permitiria, assim, duas diferentes configurações da cidade: uma que tentaria recuperar algo do lugar antropológico, locus do conceito da identidade nacional que se encontra em crise, e outra que acusaria a rarefação das marcas identitárias que promovem a

legibilidade da metrópole, tornando-a uma paisagem fantasmática.

A cidade ausente, de Ricardo Piglia, está localizada no vértice dessas duas configurações, pois, em consonância com a concepção borgiana de memória como citação múltipla e renovável, o autor concebe o seu fazer literário em um espaço onde convivem a heterogeneidade de uma herança híbrida e o vazio de uma tradição amnésica e falhada (DIAS, A . 2000, 684).

Ante o poder político que se concretiza não só por meio da coerção, como também pelos relatos difundidos pela máquina de cultura de massas, Piglia cria uma alegoria da narrativa como meio de resistência às “ficções estatais”.

Em uma homenagem a Macedonio Fernandez, constrói um universo ficcional permeado pelo confronto entre uma máquina reprodutora de relatos e as ficções eletrônicas do Estado. O cenário do confronto é uma Buenos Aires nebulosa. Nesse sentido, o esvanecimento da cidade, que dá título ao romance, é emblemático, pois a Buenos Aires inserida na diegese cede lugar às múltiplas cidades internas que o imaginário humano é capaz de construir. A cidade que desaparece tipifica a transcendência do ato de narrar (CARREIRA, S. , 2000, 973).

A visão da cidade como uma rede de narrações propicia uma experiência fantasmática a um jornalista itinerante, que “entra e sai dos relatos, circula pela cidade, buscando orientar-se em uma trama de esperas e protelações” (72). A deambulação de Junior pela trama de relatos destrói a possibilidade de se ver a cidade como “lugar antropológico” (AUGÈ, 1994), pois as marcas identitárias que permitem a legibilidade da metrópole se tornam rarefeitas.

Nessa atmosfera complexa de conspiração entremeada de alucinações, em que ninguém parece ter lembranças próprias, as identidades estão em constante mutação. Ao cruzar a história, “deslocando-se em vários registros ao mesmo tempo” (73), Junior começa a perceber que “todo mundo concordava em sonhar o mesmo sonho”, embora cada um estivesse confinado em uma realidade diferente. O sonho comum configura-se como uma imagem que se repete, implícita, enlaçando todas as histórias, “como se a própria máquina estivesse escrevendo a sua memória”(81). A fluidez das cidades imaginárias torna difícil localizar as identidades segundo modelos identitários tradicionais. Fruto de identidades cambiantes, nenhum relato é, portanto, original. As personagens transitam na fronteira entre o sonho e a realidade, ao ponto de já não saberem em que contexto se inserem. Junior, inclusive, é parte de mais um dos relatos dessa máquina incansável.

Piglia concebe a literatura como “o laboratório do possível” ( PIGLIA, 2001,9), um lugar onde se pode experimentar, fazer a mistura do velho com o novo. Para o escritor, “a literatura é uma forma privada da utopia”, onde é possível concretizar a transgressão da cidade real para a imaginária, que, por sua vez, se desfaz em várias realizações possíveis da cidade, realizações estas que nada mais são do que fruto de diversas interpretações do eu.

O romance, atrelado à fase política pós-ditadura, focaliza o processo de narrar a nação, de constituir a tradição, de reelaborar a identidade nacional, que deve ser pensada como constituindo um dispositivo discursivo que representa a diferença como unidade ou identidade.

Às histórias paralelas da investigação de Junior e da origem da máquina, o romance entrelaça a história política da Argentina. Para o autor, a política e o romance são dois espaços irreconciliáveis e simétricos. Em um lugar se diz o que no outro se cala. O não-dito, o silêncio é o material que a ficção mascara, transforma e re-localiza.

Os vestígios históricos na obra de Piglia remontam ao que Alberto Moreiras nomeia “condição de luto” do período pós-ditatorial, em que se busca uma reelaboração da identidade nacional. Porém, ao mesmo tempo em que lança um olhar ao contexto histórico-político, o romance se volta para a tradição literária argentina, acumulando intertextos, fazendo da narrativa o espaço onde se pode pensar o futuro.

O mundo globalizado é, igualmente, revisitado pela ficção, pois a ilha do Tigre é um modelo em miniatura das grandes metrópoles transnacionais. A incerteza do processo de subjetivação e

singularidade encontra eco nas formações de identidade que o autor registra no romance, isto é, pessoas que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, os expatriados.

A ilha é a um só tempo utopia e distopia, um local onde a noção de tradição é reinventada através do acúmulo dos resíduos do passado, a cada geração. Na ilha todas as pátrias estão perdidas, porque são apenas pátrias lingüísticas e a constante mutação da língua define a relação do sujeito com o seu idioma( CARREIRA, S, 2002). Nessa região onde todas as línguas se misturam, “sempre se esquece a língua em que se reteve as lembranças”. O relato constitui uma alegoria do esquecimento para os tempos pós-ditatoriais (AVELAR, 2001, 12).

A linguagem é a árvore do bem e do mal e esta é a razão pela qual desejam desligar a máquina de Macedônio. A supressão da linguagem garante uma amnésia conveniente ao Estado.

A máquina funciona como uma metonímia do ato de narrar. Em sua característica de multiplicar e transformar os relatos que produz, ela reflete o caráter intertextual da literatura. A atividade da máquina é um simulacro da atividade do escritor, bem como a reafirmação da capacidade infinita de produção e reelaboração do discurso.

A apropriação de discursos acena com a possibilidade de modular a voz de outros em uma voz própria, nem por isso menos audível, ou menos autêntica. Os relatos que se transformam continuamente encenam a necessidade de novas construções identitárias, que modulem a tradição, incorporando o velho ao novo, em busca de soluções atuais para questionamentos do presente. Se “a nação é um conceito lingüístico” (101), o homem traduzido, consciente de seu pertencimento a uma cultura híbrida, produzirá uma infinidade de novos relatos, sua arma contra a afasia e o esquecimento.

A céu aberto, de João Gilberto Noll, pode ser considerado como expressão de uma “visão pura da cidade”, retomando ainda a categoria de leitura de Antonio Candido.

A narrativa começa com a iniciativa de um garoto abandonado de levar o irmão doente ao front de batalha, à procura de seu pai general. Sem compreender o motivo do conflito, o narrador vê-se também nele envolvido e, embora nem haja se alistado, decide desertar. Vive um período com uma mulher que julga ser a metamorfose de seu irmão, passando, em seguida, a morar clandestinamente no porão de um navio que percorre o mundo. O leitor é levado a acompanhar o narrador através de todo um percurso de vida caracterizado pela indefinição espaço-temporal, esvaziado de qualquer tentativa de delimitação entre o real e o imaginário.

O texto de Noll parece fundido no que há de mais banal no cotidiano, no que há de mais comum e, assim mesmo, mais distante do que se espera encontrar em um texto literário. Nisso reside a singularidade do seu texto, nessa paradoxal característica de reconhecimento e rejeição que desperta no leitor.

Idelber Avelar, em sua reflexão sobre as personagens itinerantes do autor, afirma que “o incômodo produzido pelos textos de Noll - a impressão de que tudo está em fluxo mas nada muda, já que a experiência nunca se converte em saber narrável – remete ao deslocamento que a ficção de Noll impõe à tradição moderna e baudelaireana do flâneur.”

A itinerância é uma das características dos textos de Noll. Em seus romances as personagens vagueiam pela cidade, pelo mundo, sem destino certo, expostas aos próprios instintos. A materialidade do corpo é o locus das experiências. Se em outros romances do autor a deambulação se faz acompanhar de um impulso autodestrutivo, ou de uma volúpia sexual incontida, A céu aberto é marcado pelo esvaziamento da memória. Os poucos momentos de recordação envolvem sempre a satisfação do desejo sexual.

Em Não-lugares, Marc Augè analisa a sobremodernidade, caracterizando-a como a cultura contemporânea dos excessos. A errância, a sexualidade desenfreada, o delírio, dentre outras coisas, surgem no texto como representações da condição de sobremodernidade.

O narrador de *A céu aberto* é um permanente viajante do “não-lugar”, movimentando-se em um espaço nebuloso que apregoa a impossibilidade de consolidação das marcas identitárias, relacionais e históricas que configuram o lugar antropológico. O anonimato do sujeito e o esmaecimento da memória fortalecem a idéia de que a voz que fala pode ser de qualquer um. Não é, portanto, necessário buscar nenhum designador identitário. A recusa do romance a apegar-se a referentes que possam servir como localizadores espaço-temporais está relacionada à crise da própria história como produtora de sentido, à crise da identidade cultural.

Se no romance de Ricardo Piglia há uma tentativa de preservar a memória ( histórica, política e pessoal ) por meio da profusão de relatos, no romance de Noll prevalece um esbatimento da referência temporal, do histórico, no sentido de revelar a sua total ausência de sentido.

A voz que fala passa de uma personagem a outra antes que uma frase se concretize, como um trânsito indelével entre múltiplas posições de sujeito. A desconstrução de binários é produzida por meio de mutações. A imagem do irmão que se confunde com a imagem da mulher desfaz o binômio de gênero, assim como desfaz a oposição entre a heterossexualidade e a homossexualidade. A nebulosidade das situações narradas desfaz a antinomia realidade/fantasia, pois torna as categorias imprecisas.

A alegoria da incomunicabilidade é instaurada por meio de uma peça, escrita por uma personagem do romance, que trata do encontro entre dois homens com aptidões diferentes: um guarda a memória de todos os acontecimentos do mundo, tendo perdido a memória de si, o outro guarda na memória os mínimos instantes da sua existência, mas ignora por completo o mundo. Cada um fala do seu fluxo de memória de um modo tão intenso que não são capazes de comunicar-se.

As personagens errantes de Noll não têm reminiscências que produzam experiência. A dificuldade de identificar um outro a partir do qual possam afirmar a própria identidade faz com que sigam como sujeitos sem nome, sem história, presos a acontecimentos cuja significação se esgota em sua mera faticidade. A narrativa como acontecimento, a chave para a leitura de seus textos, segundo o próprio autor, consagra o instante da leitura, como um convite a penetrar nos mistérios da condição humana.

A impossibilidade de narrar a experiência passa ser o substrato dos romances de Noll, em uma tendência vinculada à poética da negatividade, descrita por Piglia como uma rejeição às convenções da cultura de massas e uma postura de negação radical, cujo resultado final é o silêncio.

O corpo é o lugar de onde o sujeito ensaia um grito contra tudo o que a sociedade constrói sob a forma de discurso de repressão. No espaço do corpo, os espaços geográficos se diluem, assim como o tempo, tomando novas dimensões.

Ao transgredir a forma e os códigos da ficção, Noll faz do delírio uma nova maneira de recontar a vida.

A personagem de Noll, ao final do romance, entabula uma conversa com um botão, acerca da sua indiferença ante o que lhe acontece. Descobre, repentinamente, que poderia aprender a rir, “dar uma boa gargalhada como se estivesse a céu aberto”, liberto de qualquer tipo de prisão, física ou mental. O riso é a garantia de continuidade.

Nesse aspecto, vale, também, lembrar o monólogo da mulher-máquina ao final de *A cidade ausente*. Ela, que foi concebida para ser eterna e driblar a morte, é aquela que ainda pode recordar as velhas vozes perdidas e sabe que tem de continuar. Como uma Molly Bloom pós-moderna, a máquina encerra o romance no fluxo avassalador de seus pensamentos, ciente de que está cheia de histórias e não pode parar.

## Conclusão

A evolução do processo de descentramento do Ocidente gerou a suposição de que os apegos irracionais ao local e ao particular, à tradição e às raízes, aos mitos nacionais e às “comunidades imaginadas”, seriam gradualmente substituídos por identidades mais racionais e universalistas” ( HALL,

1998, 97).

Indubitavelmente, o cosmopolitismo do mundo atual revela o efeito pluralizante da globalização sobre as identidades. No entanto, esse efeito não só permite a produção de novas identidades, como também leva, muitas vezes, ao fortalecimento das identidades locais.

Analisando, portanto, a relação do homem com a polis e a sua representação na literatura, podemos concluir que a par das especificidades dessa categoria altamente híbrida que denominamos “literatura latino-americana”, as experiências históricas e sócio-políticas dos países da América Latina têm concorrido para a emergência de três tipos distintos de expressão identitária na literatura: uma que gravita em torno da Tradição e que tem por objetivo a manutenção da identidade nacional, localmente enraizada; outra que promove uma interação entre a Tradição e a Tradução, na medida em que identifica um meio de conciliação entre o velho e o novo, o passado e o presente, e, finalmente, aquela que leva a Tradução ao extremo, apagando qualquer tipo de sujeição da identidade ao plano da história, da política, da representação ou da diferença.

Nas obras analisadas, encontramos a expressão das inquietações do sujeito latino-americano contemporâneo. Debatendo-se ante a tradição e a necessidade de situar-se em um mundo constituído por novos valores, expressando o seu total repúdio às convenções através do choque e do delírio, esse homem compartilha com seus antepassados um sentimento comum: o desejo de completude e de compreensão da própria existência.

#### Referência Bibliográfica

&AVELAR, Idelber. “Alegorias de lo apócrifo: Ricardo Piglia, duelo y traducción.”  
<http://www.tulane.edu/~avelar/piglia.html>

\_\_\_\_\_ “Restitution and mourning in Latin American Postdictatorship.” In: *Boundary 2* 26.3, EUA, 1999, pp. 201-224.

\_\_\_\_\_ “João Gilberto Noll e o fim da viagem.” <http://www.tulane.edu/~avelar/noll.html>

AUGÈ, Marc. Não-lugares. Trad. Lucia Mucznic. Portugal: Bertrand, 1994.

CANCLINI, Nestor García. *Imaginarios urbanos*. Buenos Aires: Ed. Universitaria de Buenos Aires, 1997.

CANEVACCI, Massimo. *A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. São Paulo: Studio Nobre, 1993.

CARREIRA, Shirley S. G. “A cidade ausente: uma análise do discurso de Ricardo Piglia.” In: *Hispanismo 2000*. Brasília: Associação Brasileira de Hispanistas, v. II, p.971- 975, 2001.

\_\_\_\_\_ A céu aberto: a poética da transgressão. In; LUCERO, Berkeley, University of Califórnia, v 11, p.42-51, 2000.

\_\_\_\_\_ A cidade ausente e a representação da cidade na literatura latino-americana contemporânea. In: *Sincronia*, México: Fall, 2002.

DIAS, Ângela. “Escritores, criticismo, e pós-modernidade na América-Latina”. *Hispanismo 2000*. v. II. Brasília: ABH, 2001.

FERRER, Carolina. “Una compleja máquina de narrar: La ciudad ausente de Ricardo Piglia.”  
<http://www.uchile.cl/facultades/filosofia/publicaciones/cyber/Cyber3/textos.html>

GELLNER, E. *Nations and Nationalism*. Oxford: Blackwell, 1983. GHALIOUN, Burhan. “Globalización,

deculturación y crisis de identidad.” In: Revista Cidob D'afers Internacionals, 43-44, diciembre 1998-enero 1.

GOMES, Renato Cordeiro. Todas as cidades, a cidade. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

IBSCH, Elrud. “The representation of the city in modernist and postmodernist literature.” In: COUTINHO, Eduardo org. Cânones & Contextos: 5º Congresso ABRALIC- Anais. Rio de Janeiro: ABRALIC, 1998, pp 177-85.

LINDSTROM, Naomi. “La historia literaria de los 1920 y 1930 en La ciudad ausente de Ricardo Piglia.” <http://www.lanic.utexas.edu/project/lasa95/lindstrom.html>.

MOREIRAS, Alberto. “Postditadura y reforma del pensamiento” In: Revista de critica cultural, Santiago do Chile, nº7, novembro de 1993, pp.26-35.

NOLL, João Gilberto. A céu aberto. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

PECHAMAN, Robert Moses (Org.). Olhares sobre a cidade. Rio de Janeiro : UFRJ, 1994.

PIGLIA, Ricardo. A cidade ausente. Trad. Sérgio Molina. São Paulo: Iluminuras, 1997.

\_\_\_\_\_ Sobre Borges. Cuadernos de Recienvenido, nº 10,. São Paulo: USP, 2001.

SARLO, Beatriz. “Arlt: cidade real, cidade imaginária, cidade reformada”, debatedores: Roberto Schwarz e Antonio Candido. In: CHIAPPINI, Ligia & AGUIAR, Flávio Wolf de (org). Literatura e História na América Latina. São Paulo: Edusp, 1993.